

Febre Chikungunya é nova ameaça



Angelo Salvioni

Transmitida pelo mesmo mosquito da dengue, doença pode causar febre alta, dor muscular e na cabeça, erupções na pele e dores nas articulações. Mais de 1.600 casos foram confirmados no País no primeiro semestre. PÁGINA 7

Casos de HIV aumentam na população jovem

De acordo com o Ministério da Saúde, 734 mil pessoas possuem o vírus no Brasil. Teste é gratuito pelo Sistema Único de Saúde (SUS). PÁGINA 6

Jovens negros têm 2,5 vezes mais chances de serem assassinados

Na Paraíba, o número aumenta para 13,4 em relação aos brancos. Movimento Contra o Genocídio da População Negra aponta necessidade de apoio às famílias. PÁGINA 3

Rollerski e carveboard são pura adrenalina

Esportes radicais típicos da neve ou do mar ganham versões urbanas e conquistam praticantes em SP. PÁGINA 11



Guilherme Guidetti

Fapcom promove III Mostra de Tecnologia e V Seminário de Filosofia. PÁGINA 12

Mulheres se destacam no mercado de games



Arquivo Pessoal

Ainda dominado pelos homens, setor de jogos movimenta cerca de 50 bilhões de dólares em todo o mundo. PÁGINA 9

COMUNICAÇÃO E ÉTICA

Pe. Valdecir Pereira Uveda
Vice-diretor da FAPCOM

Expressar as próprias ideias e opiniões é necessidade e direito de cada cidadão. Numa sociedade democrática esse direito tem expressão máxima na liberdade de expressão e manifestação individual e coletiva. O indivíduo sente impulso de manifestar suas insatisfações, gostos e preferências e busca relações recíprocas.

A semelhança de pensamentos tende a formar um coletivo relativamente uniforme ou pessoas com pensamentos e preferências similares. Esse fato favorece a formação de agrupamentos, clubes, sindicatos, entidades, etc., beneficia a formação de instituições sociais, que contribuem para a constituição da polis.

A vida na polis grega tinha sua expressão dividida em duas esferas: a privada, que se referia ao patrimônio, ao casamento, à família; e a pública, expressa pelo espaço público urbano, onde se deliberavam princípios e regras para a cidade. Essas duas esferas, além de soberanas, delimitavam os assuntos. Questões de ordem privada não se misturavam às discussões públicas e vice-versa.

Atualmente na “polis” não se distingue mais essas esferas. O espaço privado e o

público são mesclados e até confundidos. Disso decorre novo locus de relações recíprocas. Como pensar a comunicação neste espaço?

O indivíduo comunica em rede questões privadas, inclusive, àquelas que ferem princípios de outrem. Frente à necessidade de comunicação individual, busca-se reforço e aprovação no coletivo de iguais, afinal é mais cômodo lidar com as ideias análogas. Esquece-se que o diferente gera conflito, e este, o crescimento.

As ondas de protestos recentes mostram cenas e comunicações com atitudes de intolerância frente ao diferente. E mais, poses de pessoas que se consideram instruídas, produzindo textos com expressões de baixo calão. A pergunta que fica: onde está o respeito pela liberdade de expressão do outro? Seria tal atitude agressão explícita àquele que pensa diferente?

Nenhuma necessidade individual pode justificar ou suplantar a ética, como princípio essencial nas comunicações. Entretanto, independente do grau de instrução, cada indivíduo comunica o que efetivamente possui como valores. Que princípios você comunica?

A TAREFA DO ESTUDO

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
Pró-Diretor Acadêmico da FAPCOM

Estudar é exigente. Trata-se de uma tarefa que requer tempo, concentração e empenho. Não se aprende às pressas. Estudar é devagar. Ocorre que, como vivemos em uma época em que tudo parece instantâneo, de repente alguém poderia se angustiar pelo fato de o estudo ir na contramão. Some-se a isso outro sacrifício: a renúncia.

O estudante vez e quando terá de renunciar baladas, passeios nas lindas tarde de sábado ou domingo. Evitará o excesso de whatsapp, o programa predileto de TV. Até o tempo para o namoro deverá ser reduzido. Estudar é planejar. É também saber lidar com a solidão. Isso tudo, porém, não quer dizer que estudar seja uma tortura. Ao contrário, estudar é prazer.

Um prazer que necessita paciência e uma dose significativa de humildade. Estudar equivale ao famoso episódio narrado pelo poeta e crítico literário norteamericano Ezra Pound. Diz-se que certo dia um estudante pós-graduado, coberto de honrarias e diplomas foi ter com o professor de História Natural, a fim de receber os ótimos e últimos retoques em seu trabalho. No entanto, ficou surpreendido: o mestre deu-lhe um pequeno peixe e pediu-lhe para o descrever. Pasmado ante à simplicidade da tarefa, o aluno responde: “Mas

este é apenas um peixe-lua.” Ao que o naturalista retruca: “Eu sei. Descreva-o por escrito”.

Passados alguns minutos, o estudante volta com a descrição Ichthys Helioplodokus. O professor pede ao estudante para que descreva de novo o peixe. O jovem obedece e ao regressar traz um ensaio de quatro páginas sobre o assunto. Então o professor diz-lhe: “Olhe para o peixe”. Passadas três semanas, o peixe estava em adiantado estado de decomposição. Porém, a esta altura o estudante sabia alguma coisa sobre ele.

Estudar, portanto, é não se conformar às superficialidades. Seja qual for a matéria, seja qual for o problema, faz-se necessário o interesse para mergulhar fundo. A atitude de permanecer na superfície pode ser mais confortável. O esforço, as tentativas, os horizontes que se abrem, todavia, alargam as possibilidades de leitura do mundo.

Nada de estudo medíocre. Nada de encontrar desculpas ou murmurações, quando na verdade o que se espera de um estudante é coragem de ir além do que já dizem os manuais, as terminologias estanques, e descobrir algo “novo” a cada desafio proposto pelos mestres. Há um mundo maravilhoso a ser descoberto e construído, mediante a arte do estudo. Aproveite!

SOCIABILIDADES E NARRATIVAS

Lilian Crepaldi – coord. de edição
Maurício Gasparotto – coord. de diagramação

Na era das sociabilidades virtuais, é fundamental estimular as relações pessoais e promover a identificação. Se a tecnologia apresenta ferramentas antes impensáveis para o desenvolvimento criativo, é o bom e velho diálogo que cria laços reais de solidariedade e empatia. O jornalista, antes de tudo, precisa ouvir. Mais do que perguntar, compreender e relatar são verbos essenciais na profissão. Esse é o compromisso da equipe do Fapcomunica.

Se os problemas são intrínsecos ao cotidiano, as soluções dependem de uma ferramenta eficaz de comunicação, como é o caso do jornal impresso, considerado pelos brasileiros o meio de comunicação mais confiável, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015.

Jornalistas em formação, os alunos de Redação Jornalística e Planejamento Gráfico recebem uma dupla incumbência: além de aliar conceitos e prática, é preciso narrar, textualmente e visualmente, aspectos da realidade social para o público. São esses fragmentos de realidade que o público pode conferir na 4ª edição do jornal laboratório Fapcomunica.

FAPCOMUNICA

ANO 2 - NÚMERO 4 - JUNHO DE 2015

EXPEDIENTE

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO
Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana
CEP 04017-030 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 0800 709 8707 • (11) 2139-8500
www.fapcom.edu.br

Direção: Pe. Valdir José de Castro
Pró-direção Acadêmica: Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
Pró-direção Administrativa: Pe. Valdecir Pereira Uveda
Coordenação do curso de Jornalismo:
Prof. Gustavo Rick

Conselho Editorial:
Prof. Claudenir Modolo Alves
Prof. Marcia Regina Carvalho da Silva
Prof. Vanderlei Postigo
Prof. João Elias Nery
Prof. Adriano Miranda de Jesus
Prof. Luis Paulo Neves

Coord. de redação:
Prof. Lilian Crepaldi - Mtb 43.315
Projeto Gráfico e coord. de diagramação:
Prof. Maurício Gasparotto - Mtb 22.546
Revisão:
Prof. Claudio Fatigatti
Equipe de redação: alunos do IV Semestre de Jornalismo (matutino e noturno)

Impressão: Gráfica Paulus
Tiragem: 4.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

O descaso sofrido pela população negra

De acordo com o Mapa da Violência de 2014, 8 em cada 10 homicídios são de negros

ARLAN FERREIRA
FELIPE ABREU

O Brasil é um dos países com a maior taxa de homicídios por ano e, dos 56 mil casos, mais da metade das vítimas são jovens. Dentre eles, cerca de 77% são negros, de acordo com o Mapa da Violência de 2014, que compara dados entre os anos de 1980 a 2012. Uma outra pesquisa, realizada em 2014 pela UNESCO em parceria com o Governo Federal para medir a Violência e a Desigualdade social, aponta que, no Brasil, o jovem negro entre 12 e 29 anos tem 2,5 vezes mais chances de ser assassinado do que um jovem branco.

O Estado da Paraíba fica em 1º lugar no ranking da pesquisa, pois lá o risco do jovem negro ser assassinado chega a ser 13,4 vezes maior do que para um jovem branco. Miguel Ângelo, um dos coordenadores do Movimento Contra o Genocídio da População Negra e Hélio Teixeira, coordenador do coletivo O Nome dos Números, explicam os desafios de quem sofre e luta contra essa realidade. Algumas frases, quando lidas pela primeira vez, chocam, porém, mostram uma visão realista ao abordar o assunto.

O genocídio de jovens negros engloba um processo de politização moral nas mais diversas camadas da sociedade, que, às vezes, não aparece nos noticiários. A complexidade envolve toda a questão do negro na sociedade brasileira e identifica que esse resultado ameaçador atual tem raízes profundas em nossa cultura. Para Hélio Teixeira, “há uma dívida histórica para com o povo negro no Brasil”. Ressaltando os números alarmantes da situação, o coordenador volta olhares para a impunidade e diz que mais de 90% dos homicídios no Brasil não são investigados e que crimes contra a vida parecem não ter relevância no País. Para Miguel Ângelo, uma ideia foi constituída na sociedade, um estereótipo foi criado, “o de que a população negra é desviante por natureza.”

Na luta contra essa ideia, os movimentos negros se estruturam em ONG's para suprir as falhas deixadas pelo sistema público de apoio a vítimas desse tipo de crime. Os voluntários têm como preocupação problemas que pertencem ao universo de pessoas que estão excluídas da sociedade, como

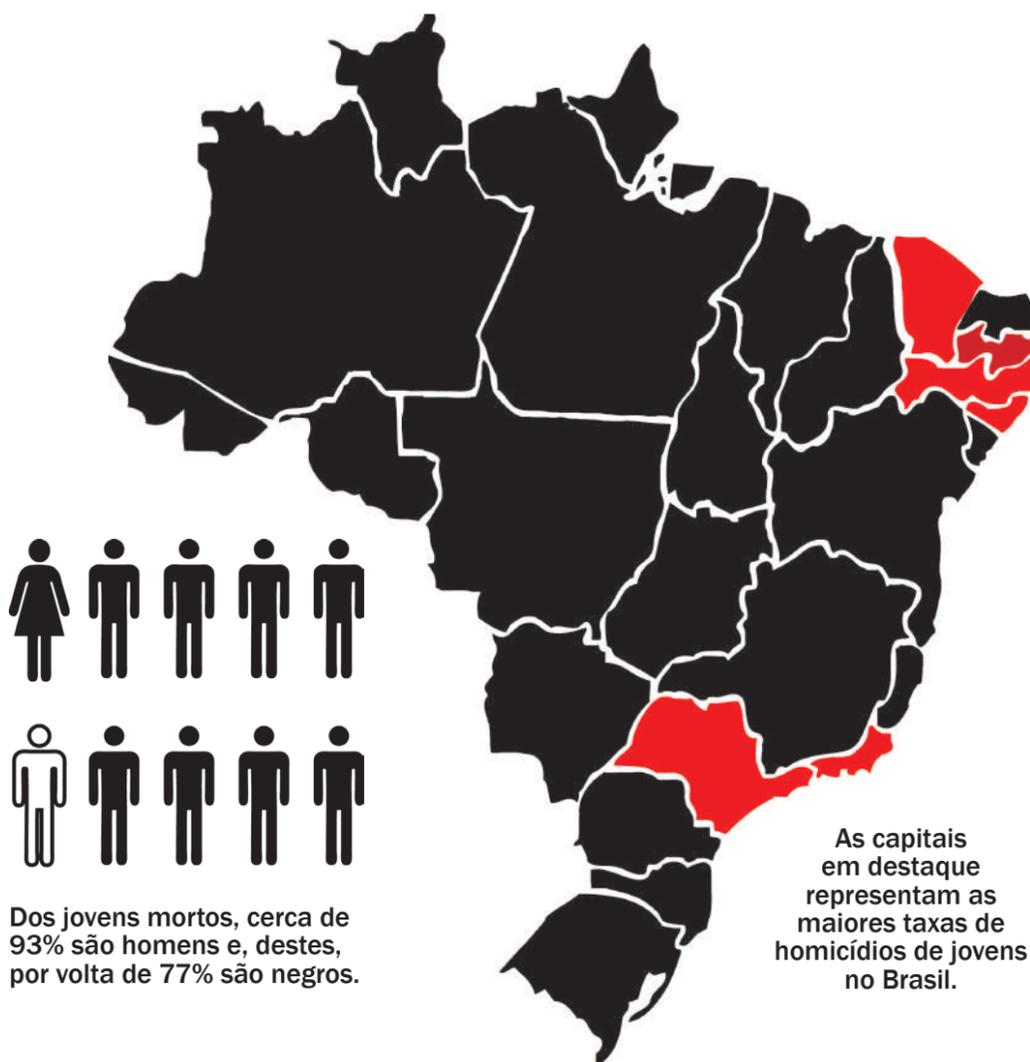
a questão socioeconômica de cada família. “População preta trabalha e o dinheiro não dá para o aluguel e a comida”, expõe Miguel Ângelo, o que dificulta a possibilidade de ter tempo livre para a militância de causa. A outra parte que habita os movimentos de apoio às famílias que ficam orfãs desses jovens negros está desempregada, o que problematiza mais ainda o processo. Entre as ações articuladas por essas organizações estão uma espécie de estrutura em rede: facilitar o acesso a processos, prestar assistência psicológica aos familiares das vítimas, além de possibilitar uma investigação do caso que, segundo Miguel Ângelo, muitas vezes é dificultada pela própria PM. “Hospitais escondem as roupas dos mortos e forjam laudo falso”. Essas ações são chamadas por Miguel como um processo de “humanizar a vítima”, para revelar a pessoa por trás daquele número estatístico, e garantir um real e seguro processo de investigação com informações colhidas sobre a vida da vítima. Ainda sobre a abordagem da PM, Hélio Teixeira questiona se o método de abordagem da Polícia Militar seria o mesmo em bairros com realidades muito diferentes, como a Vila Madalena (zona oeste de São Paulo) e o Parque Santa Madalena (zona leste de São Paulo). Neste segundo, abordagens violentas, toque de recolher velado ou o fato de algum conhecido ser preso ou morto são exemplos corriqueiros.

Segurança

Sobre o que chama de lógica de extermínio da população negra, Miguel indica que seria necessário criar uma rede de segurança em torno dos jovens negros que faça parte de uma política voltada para esses jovens, o que dá a eles espaço para proporem de forma mais efetiva questões que sejam pertinentes a sua própria realidade, como centros de incentivo à cultura negra.

Esta mesma ausência de incentivos à cultura é apontada por Hélio como um dos fatores decisivos para os números da violência contra jovens negros no Brasil. “Numa sociedade formada com valores racistas, machistas e criminalização da pobreza, as pessoas não notam fatores que se assemelham ao nazismo. Já entre as políticas levantadas por Hélio como

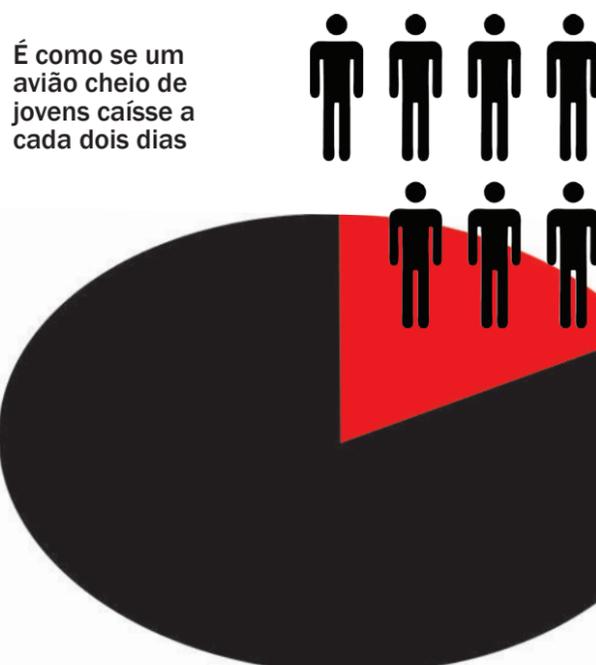
As capitais mais violentas



possíveis para a diminuição da dura realidade enfrentada pela juventude negra, a inserção de matérias como Direitos Humanos na grade do curso preparatório da PM, no Estado de São Paulo, além de um melhor acesso à cultura pelos jovens que pertencem a regiões periféricas, como também pontua Miguel, mostra quão perceptível é o consenso entre os ativistas que estão envolvidos na realidade do problema.

Pouco se olha para a questão - e paralelo à discussão da sociedade sobre a questão da maioria penal e pena de morte, que interferem de forma direta no problema. “A população carcerária passa de 500 mil pessoas. E ninguém se preocupa com o que ocorre lá. Pelo contrário: questiona-se os direitos de quem lá está. E cogita-se utilizar a mão de obra tal qual na escravidão”, acusa Hélio. O coordenador Miguel conceitua o que chama de hierarquia racial, e é categórico quando o assunto é o sistema carcerário nacional: “Há pena de morte para os negros”.

A cada 2 horas 7 jovens morrem



Economia Criativa no Brasil

Escola São Paulo de Economia Criativa é referência para profissionais e empreendedores

TATIANE PERUGINI

O termo Economia Criativa surgiu na Austrália no início da década de 90 e começou a ser discutido no Brasil por volta dos anos 2000. Apesar de o conceito estar em formação, ele tem a ideia de unir criatividade ao conhecimento.

Ainda que pouco discutida, a introdução dessa área econômica no país já permite que alguns setores cresçam de forma rápida na economia. Estima-se que o Brasil consiga gerar, através dos setores econômicos criativos, pelo menos 380 bilhões de reais por ano.

O professor e especialista Paulo Miguez, da Universidade Federal da Bahia e pesquisador da FABESP, explica o cenário dessa economia no Brasil. Ele escreve artigos sobre o assunto e acredita que essa área explorada há pouco tempo no País ainda está em processo de construção. “Nós estamos nesse momento de grande impacto procurando o que ela significa exatamente e tentando colocá-la da melhor maneira possível em nosso País. Há muito ainda a ser feito e nosso grande desafio é mergulhar nessa discussão cada vez mais e tentar produzir o que melhor conseguimos desses setores criativos, já que sabemos que ela tem um gran-

de potencial sobre a economia”, relata.

Escola

A Escola São Paulo foi a primeira a trazer o conceito de economia criativa ao Brasil e atua na formação de alunos nas áreas criativas. Fundada em 2006, tem o objetivo de proporcionar teorias e técnicas que permitam ao aluno um entendimento do que é essa economia, e como a prática dessa área introduzida nos negócios e setores culturais do País pode ajudá-lo a crescer. A escola oferece um total de 1200 cursos e palestras, distribuídos em setores como moda, design, arquitetura, cinema, artes visuais, fotografia e outros na área cultural. São mais de 800 professores e palestrantes, que atendem alunos de todas as regiões do País.

Os estudantes que passam por lá apoiam os projetos da escola e acreditam no crescimento da economia criativa. Maíra Onofri é arquiteta, mora em Belo Horizonte e foi uma das alunas no curso “Estudo da Teoria da Cor”, quando também fazia faculdade. “As técnicas foram muito importantes e me ajudam bastante até hoje. Acredito que o projeto da escola é muito relevante para o setor no País, pois abrange di-



Tatiane Perugini

A Escola São Paulo tem cerca de 1.200 cursos, mais de 800 professores e atende a todo o País

versas áreas do campo criativo e acaba sendo um referencial quando você busca um conhecimento artístico, técnico, teórico e prático”, conta.

Acreditar que a melhor maneira de aprender é na prática, e seu laboratório é a cidade de São Paulo, é o lema da Escola. Eles procuram estimular o aluno a criar projetos culturais que contribuam com a cidade e, para isso acontecer na prática, eles desenvolveram o projeto LAB SP, com

o objetivo de conectar as pessoas e suas ideias com o espaço urbano, pois creem que a participação dos alunos pode ajudar na melhoria de práticas culturais criativas. Segundo Isabella Prata, fundadora da Escola São Paulo, eles buscam, através do projeto com os alunos e professores, explorar o espaço urbano para desenvolver ideias. O projeto fica aberto ao público e, por meio dele, já foram realizadas várias intervenções culturais na cidade.

A escola recebe o apoio de algumas empresas privadas e da Prefeitura de São Paulo. Os cursos mais procurados são arquitetura e design, de cinema e vídeo e de fotografia. Eles oferecem também bolsas de estudos e palestras gratuitas. Disponibilizam através do site os cursos online e realizam trabalhos internos em empresas que querem proporcionar aos funcionários um conhecimento maior nos setores criativos.

Simple Nacional ganha ampliação

O governo federal alterou lei que regulariza 140 tipos de atividades e empreendimentos

ANDERSON PAIVA

A presidente Dilma Rousseff sancionou, em 2014, a lei complementar 147/2014, que altera a lei geral da Micro e Pequena empresa, o Simples Nacional, regime compartilhado de arrecadação, cobrança e fiscalização de tributos aplicável às microempresas, microempreendedor individual e empresas de pequeno porte.

Com as alterações dessa lei complementar o governo abriu possibilidade para que 140 tipos de atividades e empreendimentos com faturamento de até R\$ 3,6 milhões se enquadrem na disposição da lei.

Segundo o ministro-chefe da Secretaria da Micro e Pequena empresa Guilherme Afif Domingos, o governo tem uma previsão oficial de crescimento



Roberto Stuckert Filho/fotospublicas.com

Presidente Dilma anunciou a ampliação do Simples Nacional

de 117% do Simples em relação ao ano de 2014. Apesar de um estudo feito em conjunto pelo próprio ministério com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), que aponta uma perda de R\$ 3,94 bi em arrecadação com a adesão de muitas empresas a

esse modelo, o ministro Guilherme Afif afirmou não temer uma queda na arrecadação do governo.

Para ele o governo deve inclusive aumentar o seu recolhimento: com o aumento do número de profissionais liberais

- DEFINIÇÕES**
- Microempresa e Microempreendedor Individual.
 - Considera-se ME (Microempresa) a sociedade empresária, a sociedade simples, a empresa individual de responsabilidade limitada e o empresário que auferir, em cada ano-calendário, receita bruta igual ou inferior a 360 mil reais.
 - Empresa de Pequeno Porte.
 - Considera-se Empresa de Pequeno Porte a sociedade empresária, a sociedade simples, a empresa individual de responsabilidade limitada.

- REGRAS**
- O Simples Nacional abrange os seguintes tributos federais: IRPJ, CSLL, PIS/Pasep, Cofins, IPI. E os seguintes tributos estaduais: ICMS, ISS, todos recolhidos por uma guia única.
 - As ME, os MEI e as EPPs que aderiram ao novo regime possuem limites e sub-limites para se manterem enquadradas no Simples. As ME e MEI podem ter receita bruta igual ou inferior a R\$ 360 mil.
 - As EPPs podem auferir uma receita bruta anual de até R\$ 7,2 milhões, divididos em R\$ 3,6 milhões no mercado interno e 3,6 milhões de reais no mercado externo em exportação de mercadorias e serviços.

formalizados, o crescimento seria de 4% ao longo do ano, o que anularia o ônus inicial do governo.

Para o produtor Michel Nogueira, 23, adepto do simples desde 2013, o programa traz melhorias para os autônomos. “Vejo o simples como uma oportunidade de melhoria para

os trabalhadores autônomos”, acredita.

Já para o contador Mário Arino, 46, a vantagem do Simples é que o programa dá aos profissionais liberais mais segurança e conta com um sistema de tributação simplificado, que facilita a adesão dos profissionais liberais e pequenas empresas.

Melhor Idade tem movimento de inclusão social



Morgana Kurihara

Praça do Idoso possui aparelhos para prática de exercícios e pista de caminhada

Primeiro passo para a independência

Repúblicas são alternativas para quem acaba de ingressar no Ensino Superior

JANAÍNA RODRIGUES
JAQUELINE OLIVEIRA

O fim do Ensino Médio é mais uma etapa concluída na vida dos estudantes. Porém, o Ensino Superior gera outras preocupações, como conciliar horários e calcular os custos com alimentação, despesas e deslocamento.

A pergunta “onde morar?” também entra em cena. Geralmente, os estudantes com bolsa de estudo em outra cidade, ou que simplesmente escolhem uma universidade longe de onde moram, buscam as repúblicas.

Morar em casas estudantis traz vantagens, mas não é só isso que atrai os universitários, como mostra o estudante do 8º semestre de RTVI da Fapcom, Vinícius Facchetta, 23, que veio de São José dos Campos e hoje mora na Zona Leste. “No começo é tudo uma curtição. A gente passa a ter uma liberdade que a maioria não tem na casa dos pais, mas depois que vamos nos firmando, as coisas vão ficando sérias e precisamos decidir no que focar naquele momento. Reflito sempre com os erros e com os acertos”, conta. Ele tem um gasto médio de R\$750 por mês com aluguel, contas e alimentação.

A procura por imóveis com este perfil varia de acordo com a região. Para ter uma base, foram fornecidos valores mensais



Arquivo pessoal

Kélvia Miranda, 21, em seu quarto da república, no Paraíso

do bairro Vila Mariana pela imobiliária Malu Imóveis, na região há 23 anos.

Moradores

Cidades do interior de São Paulo possuem imóveis com custo mais acessível para comprar ou alugar. Karla Gaban, 21, estudante do 4º ano de Farmácia Bioquímica na UNESP de Araraquara, mora em um apartamento que foi comprado pela família, pensando na vantagem de ter um imóvel próprio e um retorno financeiro. “Hoje eu sou a dona, e a menina que mora comigo paga o aluguel pra mim”, conta Karla. O apartamento foi comprado por aproximadamente R\$ 120 mil, e hoje o retorno mensal que ela tem com o aluguel é de R\$ 370. “Barato não foi. Mas nada se compara aos preços de São Paulo”, afirma. Segundo Karla, o aspecto econômico é o mais vantajoso, pois as despesas ficam menores. Por mês ela gasta em média R\$ 500 com alimentação, transporte e passagens para a sua cidade natal nos fins de semana. Outro ponto é a convivência “Como eu me dou bem com a mi-

nhá companheira, é ótimo sempre ter alguém por perto para conversar, ajudar, sair. Ou seja, não ficar sozinha. As nossas diferenças são muitas, e surgem alguns conflitos como na arrumação da casa. Mas sempre conseguimos contornar esses problemas”, aponta.

A adaptação leva tempo. Kélvia Miranda, 21, estudante do 5º semestre de RTVI da Fapcom, mudou de república quatro vezes em dois anos, sempre priorizando a proximidade da faculdade. “A primeira locação era em quarto individual para melhor adaptação na casa, pois assim tinha meu cantinho, mesmo compartilhando áreas comuns. Depois de um tempo passei para o quarto coletivo, após conhecer as moradoras”, explica Kélvia. Ela gasta ao mês aproximadamente R\$ 950 com aluguel, despesas da casa e alimentação.

Dicas podem ajudar para quem está pensando morar em uma república “É importante pesquisar e conhecer antes de se mudar, ver as regras do local, e conversar com os moradores”, diz Kélvia. Compartilhar moradia é uma experiência única que traz momentos inesquecíveis.

Parque da Água Branca oferece cursos, baile e ambiente para prática de exercícios

LAISA SALES
MORGANA KURIHARA

As boas formas de envelhecer tomaram importância social e os idosos também estão mais dispostos a correr atrás da saúde do corpo e da mente. O Espaço de Convivência do Idoso (ECI) é uma iniciativa do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo (FUS-SESP), localizado no Parque Doutor Fernando Costa, conhecido como Parque da Água Branca. Oferece cursos profissionalizantes, além de realizar diversas oficinas, aulas de canto, teatro e o Baile da Melhor Idade, oferecido pelo Instituto Melhor Idade.

De acordo com a professora Cleusa Sakamoto, doutora em Psicologia, “o idoso para ter alegria de viver, ter saúde mental, precisa viver sabendo que envelhece e vai encontrar-se com o fim de sua vida, mas também que está vivo, portanto deve fazer planos e continuar vivendo como se fosse eterno”.

“O que o idoso do século 21 precisa é aprender a viver o período a mais que conquistou de vida”

par idosos de todo o Estado junto às equipes de seus municípios; assim como o cartão VidAtiva, que oferece a possibilidade de prática de atividades físicas e esportivas em academias e clubes credenciados”, explica a Fundação.

A diversão fica por conta do Baile da Terceira Idade, uma parceria com o Instituto Melhor Idade Estação Vida. A entrada é gratuita e permitida a partir dos 50 anos.

Elza Barros mora no Jardim Ipanema, zona sul, e vai aos bailes há mais de um ano. “É a maior alegria”, diz. Conta que passou um tempo sem se divertir depois que ficou viúva, mas voltou quando conheceu o baile do parque. Além disso, lá ela fez amizades e tem paqueras. “Um dia aparece uma pessoa para dar certo”, declara esperançosa. “Eu gosto de fazer o que tenho vontade: dançar, tomar

um copo de cerveja ‘daorinha’. Eu tenho um montão de anos já, mas me sinto bem aqui, me sinto uma rainha”.

O baile toca forró e música caipira. Aos sábados traz bandas que se apresentam ao vivo e embalam casais, como o

Nelson Duarte que aproveita os sábados de folga para vir dançar com a namorada, Maria de Fátima. Eles vêm aos bailes há mais de 5 anos e contam que se conheceram no baile. “Minha história marcante aqui é esse moço que ficou anos correndo atrás de mim”, conta Fátima.

Segundo Cleusa, aqueles que gozam de saúde física estão ficando cada vez menos dependentes, trabalham, estudam e se casam. As atividades físicas e intelectuais fazem com que o organismo e a mente continuem ativos, mantendo a vida em ação. “O que o idoso do século 21 precisa é aprender a viver melhor o período a mais que conquistou de vida, precisa saber que tem um privilégio que pode ser de grande valor pessoal e social”, acrescenta a pesquisadora.

Ver Elza dançando embala qualquer um. Fátima e Nelson combinavam de vermelho e exalam simpatia e paixão. Apesar de ter muitos tímidos que ficam olhando das janelas do baile, com a desculpa de que não têm idade para dançar, é divertido ver tanta gente disposta a viver essa fase, como todas as outras fases da vida, trabalham, se necessário, aprendem e conhecem coisas novas. Essa é a Melhor Idade do século 21.

Casos de HIV aumentam em 11%

No Brasil, número de ocorrências decorre de relações sexuais sem proteção

BRUNAVIEIRA
GUSTAVO ANDRADE

“Eu reagi muito mal. Fiquei sem chão. Não sabia nem que médico procurar, estava cheio de dúvidas”, declara o blogueiro Jefferson Cardoso, 39, que em 2003 recebeu a notícia de que estava infectado pelo vírus HIV, após ter feito uma série de exames de rotina solicitados pelo seu médico.

Desde o final da década de 1970, a população mundial enfrenta a epidemia da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), doença causada pelo vírus HIV (*Human Immunodeficiency Virus*) que compromete o sistema imunológico de seus portadores devido à queda da taxa dos linfócitos CD4 (células de defesa presentes no organismo).

Relatório da ONU, emitido em julho de 2014, divulgou que enquanto no mundo houve uma redução do número de novos casos da doença, entre 2005 e 2013, em 26,7%, no Brasil viu-se um aumento de 11%. “A epidemia de HIV no País nunca parou de aumentar. Ela apenas passou a

“Algumas pessoas me viraram as costas por ser soropositivo”.

Jefferson Cardoso

há ao menos outras três formas pelas quais o vírus pode ser transmitido, ressalta o infectologista: vertical, da mãe para o seu bebê, que é adequadamente controlada por meio do tratamento com antirretroviral; parenteral, a partir da transfusão de sangue (o que foi reduzido, pois todas as bolsas são regularmente testadas para HIV e outras doenças antes da infusão no receptor) ou pelo compartilhamento de drogas injetáveis que, após a chegada do crack, teriam diminuído no País.

Estigma, tabu e preconceito são formas pelas quais alguns soropositivos, e parte da sociedade, ainda encaram a doença. “Algumas pessoas me viraram as costas por ser soropositivo. Até em clínica de dentista isso já ocorreu”, desabafa Jefferson.

Muitas pessoas acreditam que apenas gays estejam expostos à infecção. Sobre esse assunto, Ricardo esclarece que, entre os jovens gays, a velocidade de expansão da epidemia está aumentando, isso pelo fato deles não utilizarem o preservativo de modo consistente. O médico tam-

bém afirma que, independente da orientação sexual do casal, o sexo anal oferece maior risco na transmissão do vírus.

O ator Marcelo Oriani, 26, é gay e não é soropositivo. Ele diz nunca ter praticado sexo sem preservativo. Marcelo conta que já teve de lidar com algumas amigas que pensam não correrem risco de contrair o HIV, mesmo não utilizando o preservativo, só por não praticarem sexo anal.

A informação e conscientização, segundo o infectologista, são itens importantes. “Com o tratamento do HIV proposto atualmente é possível manter a carga viral para HIV indetectável enquanto o paciente estiver aderindo corretamente ao tratamento. Sem vírus no sangue, não há progressão da doença para a AIDS”, conclui.

Brasil reduzirá epidemia

O Brasil assumiu, perante a Organização das Nações Unidas (ONU), o compromisso de adotar estratégias para que a epidemia deixe de ser uma ameaça mundial até 2030. Ao lado dos demais países que integram o BRICS (Rússia, Índia, China e África do Sul), o País busca alcançar a meta 90-90-90, a qual prevê que 90% de todas as pessoas vivendo com o HIV saibam

HIV por capitais no Brasil



Fonte: Boletim Epidemiológico HIV-AIDS / 2014 (Amostra de 100 mil habitantes).

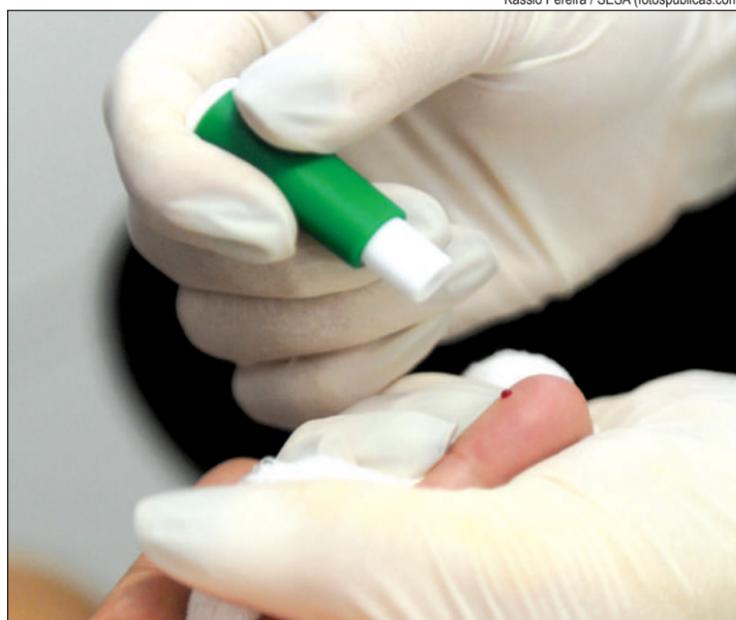
que têm o vírus; 90% das pessoas diagnosticadas com HIV recebam terapia antirretroviral; e 90% das pessoas recebendo tratamento possuem carga viral indetectável e não mais possam transmitir o vírus.

ONGs atuam no combate

Com o objetivo de ampliar as políticas públicas e ações destinadas aos soropositivos, há cerca de 20 anos, São Paulo passou a contar com ongs que resultam do trabalho em conjunto entre o Movimento Paulistano de Luta Contra a AIDS - MO-PAIDS e o Fórum das ONG / AIDS do Estado.

Preocupado em lutar pelos direitos dos portadores de HIV, o Grupo de Incentivo à Vida - GIV - promove, em suas atividades, a integração social, melhora da qualidade de vida, conscientiza sobre a prevenção e dá apoio aos familiares e amigos. A ONG está localizada próxima ao metrô Vila Mariana, na Rua Capitão Cavalcanti, 145, e funciona de segunda a sexta-feira, das 14h às 22h. Para mais informações, acesse o site: giv.org.br ou telefone para: (11) 5084-0255.

Kassio Pereira / SESA (fotospublicas.com)



Teste rápido é oferecido gratuitamente pelo SUS

Serviço:

Pelo Sistema Único de Saúde (SUS), nos Centros de Testagem e Aconselhamento - CTA, é possível realizar, gratuitamente, exames que apontem a infecção pelo HIV.

São oferecidos os testes rápidos que detectam a presença de anticorpos contra o HIV, após a coleta de uma gota de sangue da ponta do dedo.

Além deste, o SUS também disponibiliza o teste com fluido oral. Para saber onde realizá-los, basta telefonar para o Disque Saúde, pelo número 136. A ligação é gratuita e funciona 24 horas.

Febre Chikungunya preocupa Estado

Armazenamento irregular de água em cisternas caseiras é o principal responsável pelo crescimento desenfreado dos focos do mosquito transmissor

ANGELO SALVIONI

A crise hídrica pegou os habitantes da metrópole de surpresa e trouxe não só a preocupação com a escassez, mas também a proliferação de criadouros do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue e da “nova febre do momento”, a Chikungunya.

O Estado de São Paulo sofre com o crescimento da quantidade de focos do mosquito. O principal fator, segundo a Secretaria Municipal de Saúde, é o armazenamento de água de maneira inadequada: no comparativo feito entre outubro de 2014 e abril de 2015, foi registrado aumento de 212,7% de criadouros em baldes e 135,3% em reservatórios não ligados à rede, como caixas d’água. A fêmea do *Aedes aegypti* vive, em média, de 30 a 45 dias, e pode colocar cerca de 450 ovos neste período. Caso o mosquito esteja infectado, há a inoculação do vírus nos ovos e os sucessores nascem com ele.

Moradora do Jaçanã há 55 anos, Isabel Brandão afirma que a propagação da doença na região é inédita. “Por causa do rodízio de água aqui no bairro, tivemos de instalar uma cisterna na sacada. No primeiro instante, esqueci de adicionar cloro à água parada, mas logo fui ‘alertada’ pelo meu filho”, explicou.

Segundo o Ministério da Saúde, 1.688 casos de Chikungunya



Angelo Salvioni

Tambores descobertos em construções podem ser criadouros do mosquito da febre Chikungunya

foram confirmados no Brasil em 2015.

De acordo com o secretário-adjunto de saúde do município, Paulo Puccini, foram confirmadas quatro ocorrências da febre no município, mas nenhuma autóctone (infecção originária do local em que o paciente reside). Os casos em questão foram importados da América Central, onde foram registradas mais de 180 mortes em 2014.

“Em sua fase aguda, a Chikungunya causa febre alta, dor de

cabeça, dor muscular, erupções na pele, conjuntivite e dor nas articulações, este último, o mais perturbador dos sintomas da febre e o principal diferencial em relação à dengue. Além da falta de informações precisas, a limitação de acesso aos serviços de saúde pública pode ser outro problema”, explicou Unai Tupinambás, da Sociedade Brasileira de Infectologia, alertando também para a longa duração da poliartrite mesmo após o desaparecimento da febre.

Embora a Chikungunya não

tenha causado surtos na capital paulista, a dengue preocupa.

Zona Norte

A região é a mais afetada da capital, responsável por 38,5% dos casos de dengue registrados entre janeiro e março. Para frear o crescimento, a aplicação do inseticida, o “fumacê”, foi intensificada, principalmente nos bairros do Limão, Jaraguá, Brasilândia, Casa Verde, Pirituba e Freguesia do Ó.

Em entrevista à Agência Brasil,

Arthur Chioro, ministro da Saúde, afirma que cerca de 340 municípios brasileiros estão em situação de risco para epidemias de dengue e Chikungunya. Entre eles, São Paulo. “É um recurso que orienta a ação não apenas de autoridades sanitárias, mas da própria comunidade, em cada cidade, em cada região. Ele representa a capacidade de mapear a situação em diferentes cidades, com graduação de riscos diferentes”, ponderou, enfatizando a importância do estudo sobre a doença para o auxílio às áreas de risco e aos órgãos responsáveis pela saúde pública.

Para combater a expansão dos criadouros, a Prefeitura mobilizou 2.500 agentes de zoonoses na cidade com a criação de grupos de orientação para visitas porta a porta e ações de combate em locais de grande porte. “Haverá um envolvimento mais rápido e intenso das nossas secretarias, Defesa Civil, educação e saúde. O que nós estamos fazendo é o correto que tem que ser feito”, completou Puccini.

O engajamento dos órgãos públicos é notório. Com o plano de emergência para combate à dengue e Chikungunya estabelecido para o mês de abril, orçado entre R\$ 10 milhões e R\$ 12 milhões, o Governo Estadual ainda almeja o aumento do número de efetivos de agentes nas cidades paulistas, visto que a expansão dos criadouros vai além do mau armazenamento d’água.

Coleta seletiva esbarra na comunicação

Meta na cidade é aumentar em cinco vezes a quantidade de material reciclado

RUBENS STEINER

Todos os dias o comerciante Edmilson Almeida, 51, abre o seu mercado no bairro do Butantã pontualmente às 7 h. Ele faz isso há quase 11 anos, mas desde o mês passado convive com o medo de ser multado pela Prefeitura de São Paulo por não oferecer aos clientes um tipo específico de sacolas plásticas. “Tenho medo de levar multa, principalmente em razão da falta de divulgação das informações sobre o procedimento a ser adotado pelo comerciante”, alega.

A criação dessa nova sacola plástica foi a solução da gestão Fernando Haddad para encerrar a polêmica criada em 2011, quando Gilberto Kassab assinou a lei que decretava o fim da distribuição gratuita das sacoli-

nhas. Ao mesmo tempo, determinava que os estabelecimentos comerciais estimulassem o uso de sacolas reutilizáveis.

O novo modelo tem padrão de cor, resistência e dimensão. É biodegradável e deverá ser reutilizado somente para descarte de recicláveis. Quem utilizar essa sacolinha para descartar lixo orgânico também pode ser multado. Segundo Julia Moreno, diretora de Planejamento e Desenvolvimento da Autoridade Municipal de Limpeza Urbana (Amlurb), o objetivo é utilizar a nova sacola para informar a população sobre o programa de coleta seletiva em São Paulo. “Será uma forma de entrar na casa de cada uma das pessoas e informar as orientações corretas em relação aos resíduos que deverão ser descartados na coleta

seletiva e quais deverão ser colocados para coleta convencional”, explica.

Ampliar o programa de coleta seletiva é uma das bandeiras da gestão Haddad. O objetivo é ampliar de 2% para 10% a quantidade de resíduos sólidos reutilizados. Para isso, a Prefeitura já entregou duas centrais mecanizadas de triagem, cada uma com potencial de processamento de 250 toneladas/dia. A Amlurb tem expectativa de implantar até o final de 2016 mais duas centrais mecanizadas com a mesma capacidade. A cidade de São Paulo gera 3.600 toneladas por dia de resíduos secos.

Atualmente 85 distritos contam com a coleta seletiva parcial ou universalizada (em todas as ruas são 45 distritos), realizada pelas duas concessio-



Cesar Ogata/SECOM/Divulgação

Central Mecanizada de Triagem Ponte Pequena, em São Paulo

nárias ou cooperativas conveniadas com a Prefeitura. Para Julia Moreno, uma das maiores dificuldades que se tem hoje em relação à coleta seletiva é contar com a colaboração das pessoas. “A adesão junto à população ainda é baixa, apesar dos 68% do território coberto pela coleta seletiva”, diz.

Já para os moradores da cidade, falta comunicação por parte da prefeitura. A dona de casa Isabel Menezes, 56, moradora da Vila Mariana, diz que

não sabe quando o caminhão da coleta seletiva passa em sua rua, nem onde consultar informações. Mesmo assim, acredita que a coleta seletiva é uma ótima iniciativa. “Notícias sobre isso deveriam estar mais acessíveis à população”, afirma. É assim que pensa também a jornalista Roberta Giacomoni, 32. “Em uma cidade grande como São Paulo é essencial a coleta seletiva e a reciclagem. Só acho que o programa deveria ser mais divulgado”, completa.

Wifi livre na cidade de São Paulo

Projeto da prefeitura disponibiliza acesso livre à internet em praças e parques

**DOUGLAS LIMA
FELIPE BARRETO**

O Wifi Livre é um projeto desenvolvido pela prefeitura da cidade de São Paulo, em 2014, e prevê a instalação de 121 pontos de acesso gratuito e livre à internet por sistema Wifi. Irá atender os 96 distritos da capital.

Lucas Santos, coordenador de conectividade e convergência digital na Secretaria de Serviços

da Prefeitura de São Paulo, informa que “o projeto tem um custo anual de R\$ 9,2 milhões e a média da manutenção mensal é de R\$ 6,4 mil para cada praça digital.” Sobre a velocidade, ele diz que “cada usuário terá direito a uma velocidade efetiva de 512 kbit/s”. Para efeito de comparação, isso equivale a uma internet comercial de 2 megas.

O programa também visa a integração dos espaços públicos da cidade, segundo a Secretaria

de Serviços. “O acesso ao ciberespaço passa a ser um importante elemento integrador do cidadão ao mundo globalizado e à nova economia”, explica Santos.

Coordenado pela Secretaria Municipal de Serviços, atualmente funcionam cerca de 113 pontos. A reportagem esteve em três desses pontos - Largo Dona Ana Rosa, Largo de Moema e o Terminal Bandeira.

No Largo da Ana Rosa, utilizamos o acesso à rede por meio

de celulares. A navegação em redes sociais demorou cerca de 10 a 15 segundos para carregar completamente a página. Em relação a downloads de fotos e áudio por meio de aplicativos, a média foi de 15 segundos. Músicas e vídeos exigiram um pouco mais de tempo, pois variam de acordo com o tamanho do arquivo. Porém, o download ocorreu em torno de 1 minuto.

No Terminal Bandeira, na Praça da Bandeira, um dos maiores e mais movimentados terminais de ônibus da cidade, o wifi-livre é muito utilizado. O pintor Jeferson Santos, 38, acessa o wifi livre também em outros locais do projeto, e elogia a qualidade da internet. A babá Ana Silva, 38, não aprova o projeto e acredita que esse gasto deveria ser investido em outras necessidades mais urgentes, como a construção de creches.

O Largo de Moema, locali-

zado na Praça Nossa Senhora Aparecida, é um lugar tranquilo, geralmente frequentado por pessoas que trabalham ou moram no bairro, como a microempresária Josiane Franco, 40. “Hoje

a internet é fundamental, é um veículo que você pode navegar, pesquisar, conhecer outros lugares”, acredita. Ela acha válido o projeto da prefeitura, mas critica a velocidade. “No Brasil a internet deixa a desejar, a velocidade é ruim”. Ela também não se sente segura utilizando redes de internet pública.

Em pesquisa intitulada “Como o paulistano usa a internet?”, professores da UFABC estudaram 10 pontos de acesso ao Wifi livre e concluíram que o usuário busca a rede para acesso a redes sociais, estudo e mercado de trabalho.

Serviços: Dúvidas e sugestões acessem www.wifilivre.sp.gov.br ou envie um email para wifilivre@prefeitura.sp.gov.br



Downloads na Praça da Nossa Senhora Aparecida duram cerca de 60 segundos

Internet das coisas, uma nova tendência

Falta de privacidade ainda é a principal preocupação no setor tecnológico

**DANIELA DANTAS
ISRAEL GOMES**

Imagine controlar a geladeira ou a sua casa inteira com o smartphone? Essa tendência é chamada de Internet das coisas, em que o usuário controla as tarefas do dia a dia com aplicativos e compartilha na rede mundial de computadores.

Com o aumento das vendas de celulares, o uso frequente da internet estimulou empresas a desenvolverem produtos para facilitar o cotidiano. É o caso da Electrolux, que produziu uma geladeira que envia ao supermercado a lista de suprimentos em falta, também informa o dono.

Outro exemplo é a Ford, que criou um carro capaz de reconhecer o condutor e automaticamente mostrar as melhores rotas de acordo com a sua rotina, as-

sim como suas músicas favoritas. “Embora esteja em crescimento, é algo promissor”, diz Fábio Moraes, 27, técnico em Eletroeletrônica. A possível falta de privacidade é umas das preocupações no ramo tecnológico.

Até 2020 a estimativa é que 9,7 bilhões de objetos estejam conectados. “Cidades inteligentes são uma oportunidade sem igual de receita para provedores de suas ofertas agora”, diz Bettina Tratz-Ryan, vice-presidente de pesquisas do Gartner (empresa americana de pesquisa e tecnologia) em entrevista ao site Convergência Digital. Segundo ela, a maior parte

dos gastos com Internet das Coisas terá origem do setor privado.

Empresas como Dell, Intel e Samsung se juntaram em julho de 2014 no grupo Open Inter-Connect Consortium (OIC) para padronizar as conexões e garantir o bom funcionamento. “Toda essa mudança é para facilitar. E como as pessoas preferem a praticidade para aplicarem no dia a dia a ‘internet das coisas’ vem para ficar”, acredita Moraes.

Outro produto que parece ter obtido sucesso entre os consumidores é o Smart Watch (relógio inteligente) com acesso à internet e alguns aplicativos de redes sociais e outras ferramentas. O gadget promete ser promissor por tornar a conectividade mais dinâmica com apenas a ponta de um dedo. As três empresas que investiram no aparelho foram Apple, Sony e Samsung.

Em março de 2015 foi realizada em Las Vegas (EUA) a feira Consumer Electronics Show, a CES, em que um dos destaques foi a Internet das Coisas. Máquinas de lavar, fechaduras, instalações elétricas, cafeteiras, todas elas estarão conectadas à rede e a dispositivos de usuários.

“A mudança é para as pessoas que preferem praticidade no dia a dia; a ‘internet das coisas’ vem para ficar”



As ações do cotidiano serão resolvidas com aplicativos é o que prevê essa tendência

Outro ponto importante são os problemas apresentados por estes aparelhos conectados, que não conversam entre si, pois são desenvolvidos por empresas diferentes. Além disso, são tantas informações para serem processadas que talvez não haja plataforma suficiente para tamanho acesso. “As mudanças são tão rápidas que não dá tempo de planejar uma forma de organizar todos os dados trocados. Por isso, muitos especialistas técnicos estão preocupados que essas informações se misturem e de que isso facilite o acesso a conteúdos pessoais”, alerta César Prada, técnico em informática e especialista em internet. “Tem pessoas que sentem medo, achando que a tecnologia vai assumir nossas ações. Elas

precisam lembrar que quem cria isso somos nós, seres humanos. Se é ou não perigoso, só as futuras gerações poderão dizer”, conclui.

A procura de tecnologias desse tipo deve se intensificar nas próximas décadas. Existem muitas melhorias e detalhes a serem feitos nos aparelhos que merecem a atenção dos especialistas e corporações envolvidas no planejamento e lançamento dos produtos. Não é só a estética do produto que atrai os consumidores: eles estão mais exigentes e procuram cada vez mais empresas que prestam “serviços” inovadores que tragam benefícios práticos ao seu usuário, como a fechadura Smart Lock que é controlada pelo smartphone do morador.

Joguinho de menina

Apesar de representar quase metade do público gamer brasileiro, a quantidade de mulheres na indústria de jogos ainda é baixa

MARCELLA CRISTINA GOZZO
PEDRO ALBUQUERQUE

Com a popularização dos smartphones, a promissora indústria de jogos digitais abriu outras frentes de atuação. Reconhecida como uma das áreas que mais crescem, atualmente os games faturam US\$50 bilhões em todo o mundo, mais do que o mercado da música e do cinema juntos. No Brasil, esse crescimento chegou a 35% de 2013 para 2014. Apesar dos dados animadores, por aqui o setor é reduzido, com empresas pequenas e poucas contratações. Mais do que isso: é uma área ainda muito dominada pelos homens.

Estudo do I Censo da Indústria Brasileira de Jogos Digitais, divulgado em fevereiro de 2014, mostrou que dos 1133 profissionais do setor pesquisados, 967 são homens (85%), enquanto apenas 173 são mulheres (15%). O documento ressalta o grande viés de gênero, mas revela que a média acompanha o cenário internacional. “No Reino Unido, por exemplo, apenas 6% dos trabalhadores na área de games são mulheres”, diz o texto.

Segundo o coordenador acadêmico nacional da Escola de Jogos Saga, Raul Sales, o número

de mulheres na busca por especialização no mercado de jogos é menor do que o de homens. Ele acredita que isso ocorre porque o setor ainda sofre com imposições culturais. “A rede gamer tem essa característica, ainda meio restritiva. Existe muito esse pensamento de que, como em outras áreas, são profissões específicas por sexo”, ressalta. Sales lembra, porém, que não há nenhuma estrutura que comprove alguma diferença nos resultados de homens e mulheres que jogam ou desenvolvem.

Conforme pesquisa realizada pela Warner Bros Games, em setembro de 2014, 49% dos gamers brasileiros são mulheres. Apesar disso, o dia a dia delas não é exatamente fácil. Com a recente disseminação de games online conhecidos como MOBA (do inglês *Multiplayer Online Battle Arena*, ou arena de batalha com múltiplos jogadores), tais como *Defense of the Ancients*, o *DotA*, e o *League of Legends*, o *LoL*, as mulheres se tornaram alvos de assédio e discriminação na rede.

A estudante Ana* joga há cerca de três anos nesse formato. Segundo ela, os homens tendem a se comportar de duas formas quando percebem que estão competindo contra uma mulher. Ou veem as jogadoras



Jéssica Velazquez, competidora de *Street Fighter IV*, com seu controle personalizado

como o sexo frágil ou acham que elas não deveriam estar ali. “Te tratam como alguém que precisa de constante auxílio, não muito habilidosa. Ou eles ‘revelam’ você ser mulher”, conta. Ela explica que, ao revelar o gênero no jogo, os homens tendem a perseguir – dentro e fora da disputa. “Sempre adicionam depois da partida para ‘conversar sobre’, mas a maioria só quer ganhar algum ‘prêmio’ por ter te ‘ajudado’”, completa.

Ela relata ainda que já passou por diversas situações ofensivas. Em uma delas, um membro do time questionou por que ela não estava “fazendo a janta, arrumando

a casa, lavando louça ou vendo novela”, enquanto os demais riam e respondiam com ironias.

Ana assume ter suas limitações. “Eu aprendi a jogar de um modo que não me ofendam tanto”, lamenta. Ela diz que as discriminações aumentam em momentos específicos. “Se for perto dos campeonatos, o público se torna muito mais agressivo. E ser mulher nessas épocas é a pior coisa a se revelar”, diz.

Jéssica Velazquez participa de campeonatos há cerca de três anos. De acordo com ela, viver de competições no Brasil ainda é difícil, mesmo para os homens. “Estamos crescendo no sentido de termos mais competidores patrocinados, mas percebo que o que mais cresce são jogos em grupo”, afirma.

Velazquez reconhece, porém, que essa realidade é ainda mais distante para as mulheres. Para ela, a cena tem recebido mais meninas, mas elas preferem não competir para evitar comentários ofensivos. “Eu sempre convido meninas para jogar. Elas existem. Só que elas ainda estão em casa”, comenta a competidora, que já participou de mais de dez torneios.

Além do aumento do consumo, a questão da representatividade feminina nas personagens é um debate frequente entre quem está nesse meio. Para o professor de Jogos Digitais da

PUC-SP e da Fapcom, Alexandre Braga, a representação das mulheres nos games apenas segue o fluxo da indústria. “O mercado de qualquer área, principalmente de um produto direcionado ao entretenimento, vai de acordo com a demanda”, afirma. Ele acredita que caso o

“Se souberem que sou mulher, não quero que saibam minha aparência”.
Letícia, gamer

público feminino continue consumindo jogos, o setor vai pensar mais nele. “Não por uma questão de preconceito ou não, daquilo que é certo

ou errado: vão fazer porque vão ganhar mais dinheiro”, ressalta.

No entanto, segundo uma das sócias-diretoras do blog Garotas Geeks, Marina Formaglio, essa representação tende a mudar. “Até pouquíssimo tempo atrás, não se pensava nesse público. Quando pensava, era pouco e de forma estereotipada”, afirma. Ela lembra que o papel da mulher na história da humanidade ainda é recente, o que dificulta o reconhecimento. “Não faz nem um século que estamos lutando pelos nossos direitos. As pessoas não estão acostumadas a pensar que nós somos um público consumidor. Nós trabalhamos e temos nosso próprio salário para consumir jogos e outras coisas”, finaliza.

Dos grandes lançamentos de 2015, apenas *Resident Evil: Revelations 2* e *Rise of the Tomb Raider* são protagonizados por mulheres.



Luiza McAllister (alto), Bárbara Jacinto, Marina Formaglio e Tamirys Seno, criadoras do blog Garotas Geeks, referência em conteúdo nerd para mulheres na internet

Você é aquilo o que você veste

Jovens paulistanos se expressam pela moda e lutam contra o preconceito

CAROLINA COSTA

O mercado da moda brasileira faz parte do cotidiano e é importante para a expressão da identidade. Tribos de São Paulo têm como característica suas roupas, fazendo delas uma extensão de suas personalidades.

Um dos grupos que se destacam são os cosplayers, pessoas que se caracterizam como personagens de filmes e quadrinhos. Laura Demétrios, 23, conhecida como Laura Pyon, cosplayer desde 2005, diz que cada personagem tem personalidade, permitindo que ela se expresse de várias formas. “Uns me deixam expressar sensualidade,

alegria. Outros, alguém forte que me inspira”, conta. Assim como a maioria, Laura só se veste assim em ocasiões especiais. “Eu prefiro usar em eventos. Não gosto muito de usar em lugares públicos”.

Outra tribo que se destaca é a dos roqueiros. Leslye Julie Lisa, 19, define seu estilo como punk e, desde os 13 anos, diz que tornou o estilo parte de sua personali-

de. “Conheço pessoas que se vestem assim só no ‘rolê’, mas esse é meu estilo. No trabalho me visto ‘light’, mas nunca deixo minha essência”.

Grupos, em outras épocas, já se manifestavam assim. “Nos anos 70, os punks se manifestavam contra a sociedade e se destacavam vestindo-se diferente”, explica a jornalista de moda Andréia Menequete. Os estilos desses grupos ficaram, possibilitando que outras pessoas, como Leslye, criem uma identidade.

Vestir-se dessa forma não é barato. Elas importam produtos vindos da Europa e Estados Unidos, pois aqui os preços são altos ou não são vendidos. Além de importar peças, ambas usam de sua criatividade e produzem suas roupas e acessórios.

Felipe Sotero, 22, é skatista desde os 10 anos e acredita que as roupas que ele usa o ajudam a se sentir mais confortável ao praticar o esporte e para colocar suas ideias e sensações para fora. “Usamos camisetas e calças largas, podem até ser justas, desde

“Tribos afirmam identidade fora do padrão social natural, então, o preconceito”
Luiz Castro, sociólogo



Laura Pyon caracterizada como a personagem Saya Kisaragi, do anime Blood C

que sejam confortáveis”, frisa.

Felipe usa suas roupas em toda ocasião. Laura, Leslye e Felipe, assim como várias pessoas dessas tribos e de outras, convivem com o preconceito todos os dias. Laura conta que as pessoas enxergam os cosplayers como ‘imatuross’ e que a forma como algumas mídias os retratam ajuda a pensarem assim. “A maioria

trabalha, estuda e leva a vida a sério”, afirma. Com Leslye, isso se agravou mais em seu ambiente de trabalho, onde não aceitavam suas tatuagens e acessórios. “É muito triste você julgar uma pessoa pela aparência, quando na realidade o certo seria ver somente seu currículo e caráter”, lamenta.

Segundo o sociólogo Luiz Quintal de Castro, o preconceito

é inerente a todos. “Essas tribos urbanas surgem para afirmar uma identidade fora do padrão social”, explica. A luta das tribos contra o etnocentrismo da sociedade acaba por ser eterna. “A mais difícil das mudanças em nossa sociedade é a de mentalidades”, acrescenta. “A moda é aquilo que parte do individual e é adotado pela massa”, reforça Andréia.

Arte contemporânea e a produção independente de jovens artistas

Casa Contemporânea é um espaço artístico voltado para o diálogo e divulgação de produções

MARIANA PORFÍRIO
SABRINA SILVESTRE

Ao tocar a campanha do número 370 da Rua Capitão Macedo, no bairro da Vila Mariana, e ser recebido por um dos responsáveis pelo

ateliê, o visitante está diante de uma antiga construção da década de 1940, reformada para trazer um ambiente acolhedor, livre de portas e aberto a novos artistas.

O tema da casa surgiu da quebra de paradigmas e da busca por formas diversas de linguagem

que compõem a arte contemporânea. É um projeto idealizado por Marcia Gadioli, formada em Artes Visuais, e Marcelo Salles, arquiteto de formação e atual curador do local, que sempre gostou muito de artes. “Comecei a pintar e a Marcia já vinha cuidando da própria produção pela graduação de Artes que estava fazendo. Nós lidávamos com as produções nas próprias casas de maneira muito improvisada, foi quando começamos a pensar em ter um espaço próprio para isso. A princípio a ideia era algo realmente reduzido, não era com essa configuração que a casa tem hoje”, explica Marcelo.

Quando encontraram o local perfeito, maior do que o desejado, o projeto se expandiu. Com exposições que ocorrem durante o ano inteiro, com duração média de 30 a 35 dias, a casa tem sua área principal voltada para exposições, venda de obras e debates

para quem gosta de arte e quer discutir a respeito. O mezanino é alugado para artistas que cuidam de sua própria produção e o espaço dos fundos abriga workshops e cursos, transformando a casa em um mini centro cultural. O perfil dos artistas que a Casa recebe normalmente é variado e não está na mídia ou no mercado, porém tem comprometimento com a produção. Existe um fluxo de vai e vem em que a casa convida artistas e eles mandam projetos para serem realizados no local.

Marcia, que atualmente retomou sua participação dentro da produção cultural da casa, fala sobre a satisfação de trabalhar pela realização do que se encontra no imaginário e da energia gerada. Contudo ela também fala sobre a preocupação em não serem taxados apenas como um ateliê, fechado e focado na produção e exposição de conteúdo, mas sim como uma casa de incentivo e valorização da arte. “O artista precisa dialogar em vários sentidos não só verbalmente, mas através dos



Marcelo e Marcia, fundadores da Casa Contemporânea

trabalhos com outras pessoas e isso alimenta a produção, você ter olhares diferentes, outros artistas comentando seu trabalho e está discutindo questões diversas”, acrescenta Marcia.

É neste ambiente voltado para a promoção de novos artistas e o diálogo aberto sobre arte contemporânea que a casa convida amantes da arte a participarem de seus workshops, debates e novos artistas interessados em expor seu trabalho a visitar o local. Fica aberta de terça a sexta das 14h às 19h e aos sábados das 11h às 17h.



Espaço principal das exposições da Casa Contemporânea

O novo caminho dos esportes radicais

Longe da neve e do mar, atletas adaptam esportes para a rua

FLAVIA MATOS
GUILHERME GUIDETTI

Em grandes centros urbanos, a prática de esportes como esqui e surfe são impensáveis devido ao clima e a distância do litoral. Porém, ultimamente, um novo cenário adquire forma. Esquis e pranchas ganham rodas e invadem os parques da cidade com o *rollerski* e o *carveboard*.

O primeiro, uma adaptação do esporte na neve, possibilita a locomoção no asfalto a partir de rodinhas colocadas nas extremidades e bastões que auxiliam na impulsão. O segundo, uma adaptação do surfe, tem na prancha quatro pequenos pneus e um sistema de amortecedores que torna viáveis manobras como as feitas no mar.

Da neve para rua

A partir do projeto social *Ski Na Rua*, idealizado pelo atleta brasileiro de *cross country* e biatlo, Leandro Ribela, 35, o *rollerski* começou a ser praticado na USP há cerca de três

anos. No início, a oficina contava com apenas quatro meninos da comunidade de São Remo, ao lado da instituição. Hoje, cerca de 45 crianças entre 8 e 21 anos são atendidos no projeto.

Além de descobrirem as manobras do ski, as crianças têm a chance de aprender outros idiomas, como o inglês e o espanhol, e ter acompanhamento social e odontológico. Uma equipe de colaboradores, parceiros e voluntários ajuda na manutenção dos custos com os equipamentos e viagens.

Os circuitos brasileiros de *rollerski* começaram a ser organizados pela Confederação Brasileira de Desportos na Neve, no ano passado. O circuito teve duas etapas realizadas em São Carlos, com as modalidades de Sprint (1 km) e Distance (5 – 9 km).

Participante da primeira oficina, Caio Santos Moreira, 19, é hoje atleta profissional de *cross country* e biatlo. O jovem é um dos quatro atletas do projeto filiados à Confederação Brasileira de Desportos

“É um sonho possível. Não sei se para 2018, 2022 ou 2026. Mas vamos lutar para conseguir”
Caio Moreira, 19, sobre as Olimpíadas de Inverno



O atleta olímpico Leandro Ribela ensina crianças a esquiar no asfalto com o rollerski

PREÇO MÉDIO DOS EQUIPAMENTOS

- CAPACETE R\$150,00
- BASTÕES (PAR) R\$527,00*
- BOTAS (PAR) R\$630,00*
- RODAS (4 UNIDADES) R\$283,00*
- ROLLERSKI R\$1.040,00*
- JOELHEIRAS (PAR) - R\$120,00
- COTOVELEIRAS (PAR) - R\$100,00
- SHAPE R\$380,00
- TRUCK (PAR) R\$380,00
- PNEU (UNIDADE) R\$250,00
- CARVEBOARD R\$1.200,00

*BASEADO NOS PREÇOS DOS EQUIPAMENTOS NOS ESTADOS UNIDOS



Jorge Longo pratica na ladeira do antigo Shopping Best

na Neve. Já participou de campeonatos na Argentina e Suécia e sonha representar o Brasil nas Olimpíadas de inverno. “No começo, não imaginava muito onde poderíamos chegar. Hoje evoluímos muito e a Confederação tem um planejamento pra gente. É um sonho possível, não sei se pra 2018, 2022 ou 2026, mas vamos lutar muito para conseguir”.

Os equipamentos de *rollerski* custam, em média, R\$ 1.500 e são importados. Os treinos do projeto se dividem em corrida (segundas e quartas) e *roller* (sábado), todos realizados na USP.

As ondas do asfalto

Quando os surfistas californianos Joe e Brad Gerlach, pai e filho, viram o mar sem ondas, decidiram fazer uma prancha que possibilitasse a prática do surfe no asfalto. Assim, em 1997, surgia o *carveboard*.

Com uma anatomia muito próxima ao skate, seu design permite sensações mais próximas ao surfe e ao *snowboard*. O esporte chegou ao Brasil no início dos anos 2000, mas era pouco praticado e conhecido. Segundo o surfista e profissional de *carveboard* há nove anos,

Jorge Longo, 33, é possível treinar os movimentos do surfe em cima da prancha adaptada. “Tem todo um aspecto especial que faz com que ele seja realmente parecido com o surfe. O eixo permite com que o skate faça inclinações de 45°, e pelo fato de ter pneus, possibilita que você regule seu surfe de asfalto com o estilo que você pratica no mar”.

Os campeonatos de *carveboard* no Estado levam o nome da Federação Paulista de Skate, mas, de acordo com Longo, a organização e divulgação do esporte ficam por conta dos atletas. “A Federação teve um papel muito ilusório, quando veio para ajudar o *carveboard*, nunca fez nada pelo esporte. O mérito de tudo que a gente tem hoje é fruto do trabalho dos próprios atletas”. Existem três categorias de competição, Iniciante, Amador e Master. Os atletas descem três vezes a ladeira, sendo aproveitada a melhor nota. O

atleta que obtiver o maior número na soma das notas vai até a grande final.

Presidente da Associação de Carveboard das Ilhas Porchat e de São Vicente, Leonardo Branco, organiza campeonatos de *carve* há quatro anos e diz ser difícil não ter incentivo.

“É possível regular o surfe de asfalto com o estilo praticado no mar”

Jorge Longo, 33, profissional de *carveboard* há 9 anos

“Os órgãos públicos somente cedem a estrutura. As marcas não patrocinam um produto que não é fabricado por eles. Então, ficamos limitados a ter a Us Board e a Drop Board como patrocinadores”. Leandro estima que o número de praticantes no país seja em torno de 300.

Os lugares mais frequentados para andar de *carve* em São Paulo são o Parque da Independência, no Museu do Ipiranga, as ladeiras de Alphaville e também em São Bernardo do Campo, na ladeira do Best. Para praticá-lo, é necessário desembolsar algo por volta de R\$1.200 só com o skate completo, além dos equipamentos de segurança.

Fapcom lança livro escrito por ex-aluno

Jornalista escreve livro sobre a comunicação da Igreja Católica Latino-Americana

DAYANE MARCELLO
LARISSA GONÇALVES

Formado em jornalismo pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, Paulinele Teixeira acaba de lançar o e-book “A comunicação na Igreja Católica latino-americana: dos meios à pastoral”, editado pela Paulus no primeiro semestre de 2015. O livro aborda como tema o desenvolvimento da comunicação religiosa em diversos países latino-americanos nos quais o catolicismo é pregado.

A obra foi escolhida por meio de um programa de incentivo a publicação docente e discente, após ser avaliada por conselho científico. A docente da Fapcom Joana Teresinha Puntel foi orientadora do aluno no seu Trabalho de conclusão de curso (TCC). O trabalho também contempla dois autores latino-americanos, Néstor Garcia Canclini (antropólogo argentino contemporâneo), com o livro “Culturas híbridas”, e Jesús Martín-Barbero (semiólogo, antropólogo e filósofo colombiano), com “Os meios e as mediações”. Na fundamentação teórica foram usados conceitos de Pierre Levy (filósofo francês da cultura virtual contemporânea), Paulo Freire (educador brasileiro) e foi finalizado com Teilhard de Chardin (padre jesuíta). Junta-

mente, foram utilizadas as principais fontes históricas que deram o direcionamento para o livro, obtendo acesso aos documentos das conferências dos bispos latinos americanos que realizaram cinco reuniões gerais e criaram documentos que direcionam a linha de atuação da Igreja Católica no Brasil. Cada documento abordou a comunicação como ferramenta para desenvolver metas e projetos dentro da igreja.

“O livro foi escrito para contribuir com a reflexão na comunicação latino-americana.”
Paulinele Teixeira, escritor

Buscando importantes e renomadas referências para a construção do seu trabalho, Paulinele não mediu esforços para que fosse possível concluir a sua pesquisa com êxito e sentimento de dever cumprido. Após entregar e apresentar seu trabalho de conclusão de curso, o aluno recebeu um convite da Editora Paulus para que seu TCC se tornasse um livro.

O autor ressalta que “o livro foi escrito para contribuir com a reflexão na comunicação latino-americana e também para passagem de pensamento dos meios aos processos de comunicação, que é muito mais ampla do que as pessoas concluem, transformando, assim, a forma como veem a comunicação, deixando de ser somente ferramenta”.

Atualmente, Paulinele escreve outro livro para o público infantil, algo que nunca havia pensando em fazer antes, e trabalha na empresa Milícia da Imaculada.



Arquivo pessoal

Convidado pela Paulus para lançar um livro, Paulinele conta todos os detalhes do processo de desenvolvimento



Vestibular **FAPCOM**
Inverno 2015

Inscreva-se pelo site fapcom.edu.br

Jornalismo • Rádio, TV e Internet • Publicidade e Propaganda • Relações Públicas
Filosofia • Fotografia • Multimídia • Audiovisual



IGC MEC/INEP
Faixa de Excelência



Entre os Melhores
Cursos de Comunicação
de São Paulo (MEC)



Melhores
Universidades pelo
Guia do Estudante



Trabalhos
Premiados
EXPOCOM

#EuEscolhiComunicação

Tel.: 0800 709 8707 | (11) 2139-8500



Eventos interdisciplinares movimentam FAPCOM

Mostra de Tecnologia e V Seminário de Filosofia e Cultura são destaques no primeiro semestre

LAIS RODRIGUES

Com entrada franca, anualmente, acontecem eventos relacionados à Comunicação, Tecnologia e Filosofia nas dependências da FAPCOM, com o objetivo de acrescer conhecimento e fomentar debate sobre essas áreas que influenciam as relações humanas.

Nos dias 25 e 26 de março, a terceira edição da Mostra de Tecnologia – um espaço para estabelecer network com profissionais, empresas e fornecedores – teve como tema “Tecnologia Criativa – Mercado e Oportunidades”, trazendo oficinas, workshops, palestras, apresentações de trabalho de alunos e o II Encontro de Egressos.

Dentre as atividades realizadas, o evento contou com a presença de Daniel Tozzi, editor do UOL TAB, que comentou sobre a interdisciplinaridade das áreas de publicidade e jornalismo na criação editorial na web e como trocar o clique pela atenção do leitor. “Normalmente, as pesquisas indicam que o internauta gasta 40 segundos numa notícia. A gente tem conseguido com que o nosso leitor fique, em média, quatro minutos”, apontou.

Outro destaque foi a palestra com Flávio

Reis, da La Gracia Design, especialista e consultor sobre Design de Apresentação, com dicas para montar apresentações de trabalho, seminário ou TCC conectando ideias e inspirando outras pessoas.

No período de encerramento, durante o II Encontro de Egressos, os ex-alunos Wilton Matos, Luciana Rady, Jorge Cury, Laís Rodrigues e Josy Rocha, das áreas de Relações Públicas, Jornalismo e Rádio, TV e Internet, contaram suas experiências profissionais, conquistas e como a graduação influenciou no segmento de suas carreiras.

Em continuidade das atividades acadêmicas, durante os dias 15 e 16 de abril, ocorreu na FAPCOM o V Seminário de Filosofia e Cultura, cujo tema foi a relação ética entre tecnologia e capital.

Em dois momentos, o seminário abriu espaço para a apresentação de trabalhos universitários com a temática proposta, e contou com a presença dos professores doutores Manfredo Araújo (UFC), Francisco Rüdiger (PUCRS) e Alípio Márcio (PUCSP), abordando as novas tecnologias em uma perspectiva ética e suas relações com a comunicação, frente ao paradigma de mercado.